



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 10, Issue, 04, pp. 35491-35497, April, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.18660.04.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICAS SOBRE PRESERVATIVOS ENTRE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM

¹Maria Jaciane Silva Pontes, ²Viviane Cordeiro de Queiroz, ³Ana Carolina Almeida Pereira, ⁴Waléria Bastos de Andrade Gomes Nogueira, ⁵Ilana Vanina Bezerra de Souza and ^{6,*}Smalyanna Sgren da Costa Andrade

^{1,2,3}Enfermeira graduada pela Faculdade de Enfermagem Nova Esperança, João Pessoa - PB - Brasil

⁴Enfermeira, Mestre pela Faculdade de Enfermagem Nova Esperança, Docente do Curso de Graduação de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança, João Pessoa - PB - Brasil

⁵Enfermeira, Mestre, Docente do Curso de Graduação de Enfermagem e do Curso de Graduação de Medicina da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança, João Pessoa - PB - Brasil

⁶Enfermeira, Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba, Docente do Mestrado Profissional em Saúde da Família da FACENE/FAMENE, Docente do Curso de Graduação de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança. João Pessoa - PB - Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 18th January, 2020

Received in revised form

04th February, 2020

Accepted 19th March, 2020

Published online 30th April, 2020

Key Words:

Conhecimentos, Atitudes e Práticas em Saúde; Estudantes de Enfermagem; Preservativos; Doenças Sexualmente Transmissíveis; Mulheres.

*Corresponding author:

Smalyanna Sgren da Costa Andrade

ABSTRACT

As mulheres enquanto alvo da contaminação pelo HIV perpassam por fatores relacionados à vulnerabilidade social e relações de gênero. Assim, objetivou-se avaliar o conhecimento, a atitude e a prática sobre preservativos entre estudantes de Enfermagem. Trata-se de pesquisa descritiva transversal e avaliativa do tipo Conhecimento, Atitude e Prática (CAP), com abordagem quantitativa, envolvendo 195 estudantes universitárias. A análise dos dados utilizou testes Quiquadrado e Exato de Fisher para a associação entre as variáveis, com significância $\leq 0,05$. Quanto aos resultados, houve inadequabilidade do conhecimento, atitude e prática. Os testes de associação indicaram significância entre religião evangélica e conhecimento sobre preservativo feminino ($p=0,009$), a atitude foi insatisfatória frente ao uso do preservativo feminino na situação conjugal ($p=0,050$) e o uso do preservativo feminino e diagnóstico negativo de infecções sexualmente transmissíveis (IST) ($p=0,045$). Concluiu-se que os conhecimentos, atitudes e práticas sobre preservativos masculino e feminino são insatisfatórios o que pode repercutir diretamente nas orientações em saúde enquanto futuros profissionais. A Enfermagem é uma profissão que lida com a prevenção de agravos em saúde e deve estar preparada para atuação eficaz e resolutiva, no sentido de reduzir os índices de contaminação por infecções sexuais.

Copyright © 2020, Maria Jaciane Silva Pontes et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Maria Jaciane Silva Pontes, Viviane Cordeiro de Queiroz, Ana Carolina Almeida Pereira, Waléria Bastos de Andrade Gomes Nogueira et al. 2020. "Conhecimentos, atitudes e práticas sobre preservativos entre estudantes de enfermagem", *International Journal of Development Research*, 10, (04), 35491-35497.

INTRODUCTION

Em todo o mundo, a atividade sexual desprotegida é um fator contundente para a transmissão de IST/HIV. Logo, sua principal via de contaminação é sexual (ELIAS *et al.*, 2017). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2017 houve 1,8 milhão de novos casos, em comparação a 1996. Além disso, o número de mulheres contaminadas, entre 15 e 24 anos atingiu 7.000 novas vítimas, contribuindo para a proposta de erradicação da aids até 2030 (UNAIDS, 2017). Em nível nacional, de acordo com o Sistema Nacional de Agravos e Notificações (SINAN), o número de casos notificados em 2018

foi de 17.248, sendo 12.505 do sexo masculino e 4.737 do sexo feminino. No sexo masculino a faixa etária de maior prevalência foi entre 20 e 24 anos, obtendo um percentual de 21,4 % dos casos e no sexo feminino entre 30 e 34 anos foi a faixa etária de maior prevalência com percentual de 14,4% dos casos (BRASIL, 2019). A principal via de transmissão em indivíduos jovens é a sexual. Embora haja maior proporção dos casos entre homens e tendência de redução dos casos entre as mulheres nos últimos nove anos, a UNAIDS ainda prioriza ações preventivas para o sexo feminino, considerando as desigualdades de gênero (UNAIDS, 2017).

As mulheres acabam sendo um alvo fácil de contaminação, devido à dependência dos parceiros. Fatores como medo do abandono, coerção sexual e confiança no companheiro se constituem como impeditivos do sexo seguro, dentre outros obstáculos, como pelo manuseio do preservativo. As relações de gênero mostram o quanto a mulher perde autonomia no poder de negociação para uso do preservativo (ANDRADE *et al.*, 2015), o que pode ser evidenciado por dados do SINAN, em que no ano de 2018 um percentual de 96,6% das infectadas são heterossexuais (BRASIL, 2019). O preservativo é um método de prevenção individual para IST/HIV (BRASIL, 2019). Desse modo, os profissionais de saúde devem possuir competências e habilidades, para elaborar práticas de prevenção com uso de preservativos, voltadas aos usuários dos serviços públicos, no intuito de minimizar o impacto da epidemia (DUFF *et al.*, 2018). Considerando que o aumento dos índices de HIV no Brasil e no mundo tem gerado grande estigma, os universitários devem ser estimulados a adquirirem saberes a respeito dos métodos preventivos às IST/HIV, tanto para compartilhar saberes futuros, quanto para não se tornarem vítimas da contaminação por essa epidemia. Assim, este estudo foi norteado pelo seguinte questionamento: Qual o conhecimento, a atitude e a prática sobre o preservativo entre estudantes de Enfermagem? Para tanto, este estudo objetivou: avaliar o conhecimento, a atitude e a prática sobre preservativos entre estudantes de Enfermagem.

MATERIAIS E MÉTODO

Pesquisa descritiva transversal e avaliativa do tipo Conhecimento, Atitude e Prática (CAP), com abordagem quantitativa, desenvolvido em uma instituição de ensino superior em João Pessoa, Paraíba, Brasil. A população foi constituída por 280 estudantes do sexo feminino, devidamente matriculadas no curso de graduação em Enfermagem. O nível de confiança foi de 95%, com $\alpha = 0,05$ ($z = 1,96$) e $p=0,5$ gerou a amostra de 156 estudantes. Todavia, como se tratou de questionário, adicionou-se 20% (0,2) de perdas previstas. A amostra foi finalizada com 186 estudantes. O questionário continha 41 perguntas adaptadas sobre conhecimento, atitudes e práticas em relação ao preservativo, enquanto método preventivo às IST/HIV. Conhecimento foi definido como saberes, as atitudes como opiniões e as práticas como comportamento. Em outras palavras CAP significa dizer o que sabem, pensam e praticam (ANDRADE *et al.*, 2015). O conhecimento foi considerado satisfatório quando a participante tivesse referido que conhece ou ouviu falar sobre preservativos, que estes são para prevenir as IST/HIV e gravidez não planejada, e soubesse citar, pelo menos, três cuidados necessários ao uso correto. A atitude era considerada satisfatória quando a mulher referisse que é sempre necessário o uso de preservativos em todas as práticas sexuais. No caso da prática satisfatória, a mulher deveria referir utilizar preservativos sempre, do início ao fim das práticas sexuais; não ter engravidado sem planejar; não ter sido diagnosticada com IST. Qualquer uma das condições não mencionadas as enquadrava na classificação insatisfatória. O instrumento foi aplicado aos estudantes em sala de aula, com data e horário previamente estabelecidos, sendo feito autopreenchimento. A pesquisa foi realizada conforme o funcionamento da instituição, nos turnos manhã e noite, durante o mês de agosto de 2018. A tabulação dos dados ocorreu por meio do programa Microsoft Excel®, versão 97-2003, para Windows 8. A análise foi realizada com o auxílio do Programa *IBM Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 21.

Os resultados foram apresentados em forma de e tabelas, contendo frequência absoluta e percentual. Para associação entre as variáveis utilizaram-se os testes Quiquadrado e Exato de Fisher, com significância $\leq 0,05$. A coleta dos dados foi iniciada após apreciação ética, conforme protocolo nº 131/2018 e CAAE: 91072318.6.0000.5179.

RESULTADOS

A média de idade foi de 25,46 (DP±7,84). Maioria entre 18-27 anos (67%), seguido de 28-37 anos (22,5%), 94 (50%) são naturais de outros municípios (Sapé, Santa Rita, Bayeux e Baía da Traição). Quanto à religião, maioria evangélica com 90 (48%), seguido da religião católica com 81 (44%). Sobre a cor/etnia, 96 são pardas (52%) e 60 brancas (32%). O maior número de estudantes vive com uma renda de 1-2 salários mínimos. Quanto à situação conjugal, 116 (62%) estudantes têm parceiro e 54 (29%) não têm parceiro. Em relação às fontes de informação com múltipla resposta, os profissionais de saúde despontaram com a mesma frequência, com 98 (26%) alusões para os dois tipos de preservativos. Em segunda colocação obteve-se a televisão, com 88 (23%) indicações para o preservativo masculino e 84 (23%) para o preservativo feminino. É importante salientar que as fontes relacionadas às campanhas e palestras foram mais eliciadas para o preservativo feminino 44 (12%). A família se posicionou como penúltima colocada, com 19 (5%) respostas para o preservativo masculino e 8 (2%) para o feminino. Sobre os cuidados quanto ao uso correto do preservativo masculino, do total de 257 respostas eliciadas, 51 (18,5%) apontaram apertar o bico da camisinha, 38 (14%) citaram observar as condições da embalagem, 27 (10%) observar o prazo de validade, 18 (7%) não abrir a embalagem com a boca, 13 (5%) descartar no lixo após o uso, 11 (4%) colocar com o pênis ereto, 6 (2%) citaram não usar duas camisinhas de uma vez, 5 (1,5) retirar a camisinha com o pênis ereto, 5 (1,5%) desenrolar até a base do pênis, 3 (1%) manter em local seco e arejado, 3 (1%) após a ejaculação amarrar a ponta da camisinha e 1 (0,5%) citou usar somente lubrificante a base d'água. Quanto ao uso do preservativo feminino das 157 respostas descritas, 16 (10%) indicaram como cuidado observar as condições da embalagem, 21 (14%) citou observar o prazo de validade, 5 (3%) não abrir a embalagem com a boca, 3 (2%) descartar no lixo após o uso, 2 (1%) disseram que manter em local seco e arejado é outro cuidado importante, 11 (7%) citaram apertar o anel móvel antes de introduzir na vagina, 3 (2%) apertar o anel externo na retirada, 3 (2%) empurrar o anel móvel para dentro, 1 (0,5%) citou não usar a camisinha masculina e 1 (0,5%) disse que se deve deixar a argola externa fora da vagina.

Nas atitudes quanto ao uso dos preservativos masculino, 141 (76%) afirmaram que o uso é necessário em todas as relações, 30 (16%) em algumas relações, 10 (5%) não opinaram e 5 (3%) não responderam. Sobre a prática sexual, 85 (46%) disseram que é sempre necessário o uso no sexo oral, para 23 (12%) esse uso é pouco necessário, 17 (9%) afirmou que era desnecessário, 42 (23%) não opinaram e 19 (10%) não responderam. Para o sexo vaginal, 158 (85%) relataram que sempre é necessário, 4 (2%) referiram que era pouco necessário, 4 (2%) disseram ser desnecessário, 12 (7%) não opinaram e 8 (4%) não responderam. E no sexo anal, 134 (72%) afirmaram ser sempre necessário o uso, para 9 (5%) era pouco necessário, 2 (1%) disseram ser desnecessário, 25 (13%) não opinaram e 16 (9%) não responderam.

Tabela 1. Associação entre conhecimento sobre preservativos masculino e feminino com variáveis sociodemográficas e sexuais. João Pessoa, Paraíba, 2018

Variáveis	Preservativo Masculino				p ²	Preservativo Feminino				p ²
	Satisfatório		Insatisfatório			Satisfatório		Insatisfatório		
Renda ¹ (N=180)	F	%	F	%		f	%	f	%	
<1SM	3	2	49	27	0,193	2	1	50	28	
1-2SM	11	6	70	38		4	2	77	43	0,964
2-3 SM	1	1	31	17		2	1	30	17	
>4 SM	3	2	12	7		0	0	15	8	
Ocupação (N=176)										
Estudante	7	4	97	55	0,379	4	2	100	57	0,844
Técnico (Enfermagem)	4	2	28	16		2	1	30	17	
Auxiliar administrativo	1	1	5	3		0	0	6	3	
Outras profissões	5	3	29	16		2	1	32	19	
Naturalidade (N=183)										
João Pessoa	8	4	81	44	0,854	5	3	84	46	0,548
Outras cidades	10	6	84	46		3	2	91	49	
Religião (N=182)										
Católica	12	7	69	38	0,058	5	3	76	41	0,009*
Evangélica	5	3	85	45		1	1	89	48	
Espírita Kardecista	1	1	0	0		0	0	1	1	
Umbanda/Candomblé	0	0	1	1		1	1	0	0	
Outra religião	0	0	9	5		0	0	9	5	
Cor (N=185)										
Branca	8	4	52	28	0,881	2	1	58	31	0,685
Preta	1	1	11	6		1	1	11	6	
Amarela	1	1	12	6		0	0	13	7	
Parda	8	4	88	48		5	3	91	49	
Outra	0	0	4	2		0	0	4	2	
Conjugalidade(N=170)										
Com parceiro	13	8	103	61	0,793	5	3	111	65	0,858
Sem parceiro	4	2	50	29		3	2	51	30	
IST/HIV (N=156)										
Sim	0	0	5	3	0,309	0	0	5	3	0,731
Não	16	10	135	87		8	5	143	92	

Legenda: ¹ Salário Mínimo vigente: R\$ 954,00 ² Significância estatística. *Teste Exato de Fisher.

Já quanto ao uso dos preservativos feminino, 95 (51%) afirmaram que em todas as relações o uso é necessário, 44 (23%) pouco necessário, 8 (4%) não usam em nenhuma relação, 36 (20%) não opinaram e 3 (2%) não responderam. Sobre a prática sexual no sexo oral, 54 (29%) disseram que é sempre necessário o uso, para 25 (14%) era pouco necessário utilizar, 32 (17%) disseram ser desnecessário, 50 (27%) não opinaram e 25 (13%) não responderam. Para o sexo vaginal, 120 (64%) relataram que sempre é necessário o uso, 24 (13%) afirmaram ser pouco necessário utilizar, 5 (3%) disseram ser desnecessário, 29 (16%) não opinaram e 8 (4%) não responderam. Sobre as razões do não uso do preservativo masculino durante as relações sexuais, houve 28 (58%) respostas para parceria fixa, 7 (14%) para uso de contraceptivo e 7 (14%) respostas indicaram que as mulheres não gostam do uso deste insumo. No caso do preservativo feminino, 10 (38%) respostas indicaram parceiro fixo, 9 (35%) não gostam do uso e 4 (15%) afirmativas estavam relacionadas ao desconforto e incômodo. Em relação à prática, 52 (28%) estudantes confirmaram o uso do preservativo masculino em todas as relações. Além disso, 94 (52%) quase o dobro dessas estudantes não usa o preservativo feminino. No que tange as práticas sexuais (oral, vaginal e anal), 64 (35%) estudantes afirmaram usar a camisinha masculina em algumas práticas sexuais e 22 (12%) a camisinha feminina.

Em todas as práticas, 47 (25%) responderam usar a camisinha masculina e apenas 12 (6%) a feminina. Sobre o uso do insumo do início ao fim da relação sexual, 96 (51%) mulheres fazem uso esperado do preservativo masculino e 28 (15%) utilizam o feminino do início ao fim. Na adequabilidade do conhecimento, atitude e prática sobre preservativos masculino e feminino. Os dados evidenciaram resultados insatisfatórios tanto para o preservativo masculino, quanto para o feminino. Entretanto, o percentual satisfatório para o conhecimento masculino foi de 10% e feminino 3%, quanto a atitude masculina foi de 39% e na feminina 22% e em relação a prática para o preservativo masculino 25%, enquanto no feminino foram de 5%. Com efeito, analisaram-se as variáveis de conhecimento por meio de testes de associação com dados sociodemográficos e sexuais (Tabela 1).

DISCUSSÃO

Profissionais de saúde e televisão despontam como aliados à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e HIV, fortalecendo o papel dos trabalhadores de saúde e também da mídia televisiva no combate ao adoecimento. A família, que é a unidade nuclear sociocultural e principal modelo institucional formador das pessoas, deve ser trabalhada no sentido de favorecer a abordagem em relação à iniciação sexual e sua

Tabela 2. Associação entre atitude sobre preservativos masculino e feminino com variáveis sociodemográficas e sexuais João Pessoa, Paraíba. 2018

Variáveis	Preservativo Masculino				p ²	Preservativo Feminino				p ²
	Satisfatório		Insatisfatório			Satisfatório		Insatisfatório		
	F	%	f	%		F	%	f	%	
Renda ¹ (N=180)										
<1SM	20	11	32	18	0,652	12	6	40	22	0,636
1-2SM	35	19	46	26		21	12	60	33	
2-3 SM	10	6	22	12		7	4	25	14	
>4 SM	6	3	9	5		1	1	14	8	
Ocupação (N=176)										
Estudante	36	20	68	39	0,599	19	11	85	48	0,300
Técnico (Enfermagem)	14	8	18	10		8	5	24	13	
Auxiliar administrativo	3	2	3	2		3	2	3	2	
Outras profissões	16	9	18	10		9	5	25	14	
Naturalidade (N=183)										
João Pessoa	41	22	48	26	0,077	25	14	64	35	0,224
Outras cidades	31	17	63	35		17	9	77	42	
Religião (N=182)										
Católica	33	18	48	26	0,800	18	10	63	34	0,289
Evangélica	33	18	57	31		22	12	68	37	
Espírita Kardecista	0	0	1	1		0	0	1	1	
Umbanda/Candomblé	1	1	0	0		1	1	0	0	
Outra religião	4	2	5	3		0	0	9	5	
Cor (N=185)										
Branca	23	12	37	20	0,076	13	7	47	25	0,144
Preta	4	2	8	4		2	1	10	6	
Amarela	10	5	3	2		7	4	6	3	
Parda	34	18	62	34		20	11	76	41	
Outra	1	1	3	2		0	0	4	2	
Conjugalidade(N=170)										
Com parceiro	45	26	71	42	0,157	27	16	89	52	0,050*
Sem parceiro	19	11	35	21		8	5	46	27	
IST/HIV (N=156)										
Sim	2	1	3	2	0,803	1	1	4	3	0,866
Não	57	37	94	60		35	22	116	74	

Legenda: ¹ Salário Mínimo vigente: R\$ 954,00. ² Significância estatística. ^{2*} Teste Quiquadrado.

manutenção de maneira protegida, e o sexo deve deixar de ser um assunto proibido em algumas casas. Investimentos, planejamentos e ações governamentais visam diminuir o índice de contaminação de IST/HIV, por meio de incentivos à educação continuada dos profissionais de saúde com base no conhecimento científico, na distribuição gratuita de preservativos e campanhas disseminadas por todo o país (ANGELIM *et al.*, 2018). Além disso, estudo aponta que campanhas realizadas na televisão têm como foco chamar atenção da população através de elementos visuais e sonoros, a fim de reduzir os índices de IST e gravidez não planejada, principalmente de maneira sazonal condizentes com as festividades tradicionais (KAUFMAN *et al.*, 2015). Pesquisa CAP com 186 estudantes de uma universidade pública de São Paulo identificou sexarca aos 17 anos, apontando a família e a escola como responsáveis pela educação sexual com necessidade de uma condução responsável, segura e consciente

dos comportamentos sexuais de toda a sociedade (LEMO; MARTINS, 2017). Do mesmo modo, abordagem exploratória envolvendo 1.208 jovens, identificou que as principais fontes de informação sobre sexualidade são amigos e familiares. Os autores concluíram que a participação dos pais na educação sexual dos filhos é essencial para a prevenção de IST/HIV (FONTES *et al.*, 2017). Sobre os cuidados necessários ao uso, eles se concentraram em situações relacionadas ao momento que antecede o sexo. Todavia, cuidados no intercuro sexual precisam ser abordados durante as orientações em saúde, de modo a qualificar o uso e favorecer a redução de riscos. Sobre a atitude, ela é um comportamento que uma pessoa assume diante de uma determinada situação (CURTY *et al.*, 2017). A opinião relacionada à necessidade de uso indicou 76% das mulheres com atitude favorável ao insumo masculino em todas as relações sexuais. Já para o preservativo feminino a mesma resposta foi para um pouco mais da metade das estudantes, o que pode ser reflexo das crenças negativas sobre ele.

Tabela 3. Associação entre prática sobre preservativos masculino e feminino com variáveis sociodemográficas e sexuais João Pessoa, Paraíba. 2018

Variáveis	Preservativo Masculino				p ²	Preservativo Feminino				p ²
	Satisfatório		Insatisfatório			Satisfatório		Insatisfatório		
	f	%	f	%		F	%	f	%	
Renda¹(N=180)										
<1SM	14	8	38	21	0,822	8	4	44	25	0,623
1-2SM	18	10	63	35		9	5	72	40	
2-3 SM	10	6	22	12		7	4	25	14	
>4 SM	4	2	11	6		2	1	13	7	
Ocupação (N=176)										
Estudante	28	16	76	43	0,974	18	10	86	49	0,673
Técnico (Enfermagem)	8	5	24	13		4	2	28	16	
Auxiliar administrativo	2	1	4	2		0	0	6	4	
Outras profissões	8	5	26	15		5	3	29	16	
Naturalidade (N=183)										
João Pessoa	21	12	68	37	0,677	11	6	78	43	0,314
Outras cidades	26	14	68	37		15	8	79	43	
Religião (N=182)										
Católica	25	14	56	30	0,732	16	8	65	36	0,399
Evangélica	21	11	69	38		9	5	81	44	
Espírita Kardecista	0	0	1	1		0	0	1	1	
Umbanda / Candomblé	0	0	1	1		0	0	1	1	
Outra religião	2	1	7	4		2	1	7	4	
Cor (N=185)										
Branca	14	7	46	25	0,308	6	3	54	29	0,081
Preta	2	1	10	5		2	1	10	5	
Amarela	5	3	8	4		4	2	9	5	
Parda	24	13	72	40		13	7	83	45	
Outra	2	1	2	1		1	1	3	2	
Conjugalidade (N=170)										
Com parceiro	32	19	84	49	0,157	15	9	101	60	0,311
Sem parceiro	15	9	39	23		11	6	43	25	
IST/HIV (N=156)										
Sim	0	0	5	3	0,187	0	0	5	3	0,045*
Não	38	25	113	72		27	17	124	80	

Legenda: ¹ Salário Mínimo vigente: R\$ 954,00. *Teste Exato de Fisher. Fonte: Dados da pesquisa. João Pessoa – PB, 2018.

Sobre as razões para o não de preservativos, possuir parceiro fixo despontou como principal motivo à não adesão satisfatória. Pesquisa semelhante afirmou que o não uso do preservativo ocorre por opção do parceiro, reflexo da cultura machista que expõe a mulher submissa a contaminação (FRANCISCO *et al.*, 2016). Sobre a prática, não usar do início ao fim pode ser um reflexo do comportamento sociocultural estabelecido de que preservativo masculino possui mais função contraceptiva do que protetiva contra IST. As prevalências apontaram que os saberes, as opiniões, e, sobretudo o comportamento relacionado à prevenção de IST/HIV e gestação não planejada colocam as entrevistadas em situação de risco individual e potenciais condizentes com o conceito de vulnerabilidade individual. Sobre isso, estudo descritivo com 58 mulheres lésbicas residentes em Teresina apontou que a maioria das pesquisadas tem conhecimento da transmissão, entretanto relatam que são fiéis as suas companheiras e não fazem uso da camisinha por acreditar que a fidelidade promove aparente proteção (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

Outro inquérito com 137 estudantes de Foz do Iguaçu identificou que os motivos do não uso do preservativo entre adolescentes é a indisponibilidade durante o ato sexual e o desconforto de interromper o coito para introdução do insumo. Entretanto, é importante destacar que o desconforto é uma crença mantida por aqueles que não possuem o hábito de uso frequente (OLIVEIRA *et al.*, 2014). Quanto às práticas sexuais, a análise indica que as participantes acreditam que o uso no sexo vaginal seja sempre necessário tanto para o preservativo masculino (85%), quanto para feminino (64%). O sexo oral foi à prática sexual menos indicada pelas mulheres, sugerindo que a preocupação com a contaminação oral não é tão bem difundida entre o público feminino. Pesquisa transversal na Etiópia com 442 alunos demonstrou que existe deficiência na informação sobre HIV/aids. Treinamentos e aconselhamentos para grupos vulneráveis como estudantes devem indicar todas as formas de contaminação (GEMEDA; GANDILE, BIKAMO, 2017). Neste estudo a religião associou-se significativamente com o conhecimento sobre o preservativo

feminino ($p=0,009$) e aproximou-se sobremaneira da significância estatística do preservativo masculino ($p=0,058$), demonstrando que a crença protestante (evangélica) aparentemente acumula menos saberes sobre os insumos, em comparação às mulheres seguidoras da doutrina católica (Tabela 1). Estudo com 300 mulheres residentes em condições de vulnerabilidade apontou que católicas possuem conhecimento satisfatório sobre o uso de preservativos masculino, em comparação às mulheres protestantes. Os autores concluíram que as crenças religiosas podem se configurar como elementos reguladores dos comportamentos individuais, em que a Igreja possui papel de controle social (ANDRADE *et al.*, 2015). A situação conjugal associou-se significativamente com a atitude insatisfatória frente ao uso do preservativo feminino ($p=0,050$), indicando que a parceria fixa influencia na opinião das mulheres na utilização deste insumo (Tabela 2). Sobre a prática, as participantes deste estudo que referiram contaminação por infecções sexuais possuíam uso insatisfatório do preservativo feminino ($p=0,045$) (Tabela 3). Acredita-se que essas mulheres se tornam mais vulneráveis devido a confiança no parceiro e também uso de métodos contraceptivos, na tentativa de evitar apenas uma gravidez não planejada (SNEAD *et al.*, 2017). Portanto, estudos CAP indicam que o conhecimento não esteve proporcionalmente alinhado com as atitudes e as práticas (SANTOS *et al.*, 2018; ARAÚJO *et al.*, 2015), sendo as características sociodemográficas como influenciadores dessas variáveis (ARAÚJO *et al.*, 2015).

CONCLUSÃO

Os profissionais de saúde e televisão despontaram como principais fontes de informação sobre preservativos, cuja família atingiu baixos percentuais. Sobre os cuidados ao uso, os maiores percentuais se concentraram em rotinas pré-sexuais. O conhecimento, a atitude e a prática frente ao uso de preservativos masculino e feminino foram insatisfatórios, cujas associações significativas foram com religião, conjugalidade e diagnóstico de infecções sexualmente transmissíveis.

REFERÊNCIAS

Andrade, S S.D.C., Zaccara, A.A.L., Leite, K.N.S., Brito, K.K.G.D., Soares, M.J.G.O., Costa, M. M. L., Oliveira, S.H.D.S. 2015. Conhecimento, atitude e prática de mulheres de um aglomerado subnormal sobre preservativos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 49(3), 364-371. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v49n3/pt_0080-6234-reeusp-49-03-0364.pdf. Acesso em: 22 de fev. de 2018.

Angelim, R.C.M., Brandão, B.M.G.M., Oliveira, D.C., Silva, A. F.M. 2018. Despertar das políticas públicas de combate à AIDS na perspectiva de profissionais de saúde. *Rev Fun Care*, (out/dez) v.10, n.4, p.913-918, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2018.v10i4.913-918>. Acesso em: 10 out. 2018.

Araújo, A.K.F., França, I.S.X., Coura, A.S., Santos, S.R., Ramos, A.P.A., Pagliuca, L.M.F. Perfil sociodemográfico de cegos: associações com conhecimento, atitudes e práticas sobre infecções sexualmente transmissíveis. *Revista Rene*, Fortaleza, v.16, n.5, p. 738-745, 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3240/324042637016.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2018.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretária de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2019, v.20. Disponível

em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2018>. Acesso em: 27 mar. 2019.

Curry, R.G., Crowston, K., Specht, A., Grant, B.W., Dalton, E.D. Attitudes and norms affecting scientists' data reuse. *PLoS One*, v. 12, n.12, Dez. 2017. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0189288>. Acesso em: 16 Abr. 2019.

Duff, P., Birungi, J., Dobrer, S., Akello, M., Muzaaya, G., Shannon, K. (2018). Social and structural factors increase inconsistent condom use by sex workers' one-time and regular clients in Northern Uganda. *AIDS care*, 30(6), 751-759. DOI: 10.1080/09540121.2017.1394966.

Elias, T. C., Santos, T.N., Soares, M.B.O., Gomes, N.S., Parreira, B.D.M., Silva, S.R. Conhecimento de alunas de uma universidade federal sobre doenças sexualmente transmissíveis. *Revista Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v.25, n. esp. 10841 p.1-5, 2017. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/10841>. Acesso em: 04 mar. 2018.

Fontes, M.B., Crivelaro, R.C., Scartezini, A.M., Lima, D.D., Garcia, A.D.A., Fujioka, R.T. Fatores determinantes de conhecimentos, atitudes e práticas em DST/Aids e hepatites virais, entre jovens de 18 a 29 anos, no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Campinas SP, v22, n.4, p.1343-1352, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n4/1413-8123-csc-22-04-1343.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2018.

Francisco, M.T.R., Fonte, V.R.F., Pinheiro, C.D.O.P., Santos, M.E.S., Spindola, T., Lima, D.V.M. O uso do preservativo entre os participantes do Carnaval - perspectiva de gênero. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*. Rio de Janeiro. v. 20, n. 1, p. 106-113, 2016. Disponível em : <https://www.redalyc.org/html/1277/127744318015/> Acesso em 09 abr. 2019.

Gemeda, T. T., Gandile, A. U., Bikamo, D. S. HIV/AIDS Knowledge, Attitude and Practice among Dilla University Students, Ethiopia. *African Journal of Reproductive Health*. África. v.21, n.3, 2017. Disponível em: <https://ajrh.info/index.php/ajrh/article/view/1080/pdf>. Acesso em: 12 abr. 2018.

Kaufman, M.R., Rimal, R.N., Carrasco, M., Fajobi, O., Soko, A., Limaye, R., Mkandawire, G. Using social and behavior change communication to increase HIV testing and condom use: the Malawi BRIDGE Project. *AIDS Care-Psychological and Socio-medical Aspects of AIDS/HIV*, United States of America, ed. 2, v. 27, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09540121.2014.963007>. Acesso em 12 abr. 2019.

Lemo, H.H., Martins, R.A. Conhecimentos, atitudes e práticas sobre sexualidade entre universitários. *Colloquium Humanarum*, Presidente Prudente. v. 14, n. 3, p.78-82, 2017. Disponível em: <http://revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/view/2186/2015>. Acesso em: 11 abr. 2018.

Oliveira, A.D.S; Nery, I.S., Gir, E., Araújo, T.M.E., Júnior, F.D.O.B., Lago, E.C. Conhecimentos, atitudes e práticas sobre HIV/aids de mulheres que fazem sexo com mulheres. *Revista de Enfermagem UFPE*, Recife. v.11 n.7 p. 2736-2742, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/23447/19154>. Acesso em: 11 abr. 2018.

Oliveira, S. A. 2014. Motivos do não uso do preservativo entre adolescentes de um município da tríplice fronteira. *Rev. Saúde Pública*, v.48, n.1, Disponível em:

- <https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2014048004563>.
Acesso em: 20 out. 2018.
- Santos, C. M. A., Oliveira, J.D.S., Lima, S.V.M.A., Santos, A.D.D., Góes, M.A.D.O., Sousa, L.B.D. 2018. Conhecimentos, atitudes e prática de homens sobre infecções sexualmente transmissíveis. *Cogitare Enfermagem*. Paraná, v.23, n.1, 2018. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/54101/pdf>. Acesso em: 11 abr.
- Snead, M. C., Wiener, J., Ewumi, S., Phillips, C., Flowers, L., Hylton-Kong, T., Warner, L. 2019. Prevalence and risk factors associated with STIs among women initiating contraceptive implants in Kingston, Jamaica. *Sexually transmitted infections*. London. v. 93, n.7, p. 503-507, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1136/sextrans-2016-052963> . Acesso em: 29 abr.
- Unaid. Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS. Estatísticas Globais sobre HIV: 2017, Disponível em: https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2017/12/UNAI_DSBR_FactSheet.pdf. Acesso em: 06 mar. 2018.
